

# Criação & Crítica

## TORTO ARADO ENTRE O SINUOSO E O RETILÍNEO: ELOGIOS E INTERDIÇÕES

Yuri Moura Lima Amaral de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo contribuir com a discussão acerca de um dos maiores fenômenos literários brasileiros do século XXI: o romance *Torto Arado*. A discussão acerca da qualidade da obra literária, no entanto, parece estar sendo pautada pela necessidade e pela pertinência temática. Os elogios à obra, pouco alicerçados na análise da construção literária, parecem ter criado um ambiente que interdita o debate acerca dos avanços e das fragilidades da elaboração poética da narrativa. Nesse sentido, abordamos alguns momentos da recepção do romance e fazemos uma proposta de leitura *realista* de algumas passagens do texto, para tecer algumas considerações sobre determinados aspectos que podem ser considerados problemáticos ou inconsistentes na construção das três narradoras da referida obra.

**Palavras-chave:** *Torto Arado*, Realismo, Recepção, Literatura Brasileira Contemporânea.

## TORTO ARADO BETWEEN THE CROOKED AND THE STRAIGHT : COMPLIMENTS AND INTERDICTS

**Abstract:** This article aims to improve the discussion about one of the greatest Brazilian literary phenomena of the 21<sup>st</sup> century: the novel *Torto Arado*. The discussion regarding the quality of this literary piece, however, seems to be guided by necessity and thematic pertinence. The compliments to the novel, often lacking in-depth analysis of its literary construction, have created an environment that hinders the debate about the strengths and weaknesses of its poetical elaboration. In that sense, we approach some of the moments of the novel's reception and propose a realistic reading of some passages of the text to make some considerations about certain aspects that can be considered problematic or inconsistent in the construction of the three narrators within the mentioned work.

**Keywords:** *Torto Arado*, Realism, Reception, Brazilian Contemporary Literature

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, UFOP.  
E-mail: [ymoura@ymail.com](mailto:ymoura@ymail.com)

# Criação & Crítica

A primeira publicação do romance de estreia de Itamar Vieira Jr, *Torto Arado* (2019), ocorreu após vencer, em 2018, o concurso do Prêmio LeYa<sup>2</sup>. Depois dessa premiação, seguiram-se, em 2020, o prêmio Oceanos, também de caráter internacional, e o prêmio Jabuti. Talvez, em razão da primeira publicação a partir de tão importante premiação, das premiações subsequentes e do absoluto sucesso de vendas, a obra tenha suscitado certa urgência de avaliação, muitas vezes com tom exclusivamente laudatório, entre intelectuais e escritores.

Considera-se que um dos trunfos de *Torto Arado* é tentar trazer à tona, no século XXI, um olhar sobre um Brasil rural, agrário – chamado pelo autor do romance de “Brasil profundo” –, tido por larga parcela da população como próprio do passado, conjugando o *locus* sertanejo a várias pautas ou questões ligadas às discussões sobre diferentes formas de opressão e de combate a isso: em primeiro lugar, a história de luta do povo negro no Brasil, seguida pelas relações de servidão, pela questão fundiária e a necessidade de uma reforma agrária, a desigualdade de gênero, e, em breve passagem do romance, chega a tratar de um amor platônico entre duas mulheres, Belonísia e Maria Cabocla.

A multiplicidade de questões políticas figuradas na obra se apresentou como prato cheio para alguns leitores e intelectuais progressistas seguirem determinada receita: verificar a pertinência temática das matérias sobre a qual a obra literária se debruça, estabelecer e traçar relações e paralelos com nossa realidade contemporânea, e, nesse sentido, conferir mais qualidade à obra quanto mais se verifica que ela aponta para um referente externo.

Esse “trunfo”, em termos de recepção, se torna maior ainda quando se percebe que, muito possivelmente, o desfecho da história acontece já no século XXI. Esse último aspecto pode surpreender alguns leitores, pois a impressão que se pode ter inicialmente é de maior afastamento temporal, o que vai sendo desconstruído ao longo da narrativa por meio da reunião das pistas temporais deixadas por Itamar, promovendo o questionamento acerca das permanências de nosso passado em nosso presente.

O problema, que não é nada novo, parece ser que, geralmente, a discussão da obra literária, do texto, é pautada pela necessidade e pela pertinência temática. Paulo Roberto Pires, em artigo para a *Revista Quatro cinco um*, avalia-o da seguinte maneira, ao comentar algumas questões referentes à recepção de determinadas críticas à obra e algumas de suas respectivas respostas:

---

<sup>2</sup> Concurso ligado à editora portuguesa Grupo Editorial LeYa e destinado a romances inéditos em língua portuguesa.

# Criação & Crítica

Para o jornalista [Casarin], o sucesso de *Torto Arado* não se deve a “qualquer fator extraliterário”, revelando assim uma idealização de que a literatura é boa “em si” e minimizando ou ignorando que a trama de *Torto Arado* se confunde com **a melhor e mais necessária pauta política brasileira – o que está longe de ser defeito e também não é qualidade em si.** (PIRES, 2021, grifo nosso)

Ao que tudo indica, “a melhor e mais necessária pauta política brasileira” é o conjunto de discussões acerca da história de luta e de resistência do povo negro no Brasil, o que, certamente – e como formula Paulo Roberto Pires – está intimamente ligado ao sucesso de *Torto Arado*. Assim como em diversas outras obras nacionais, o caráter de suas respectivas recepções esteve e está intimamente ligado aos momentos pelos quais o país passou e passa. Tal consideração, seguida da avaliação de que isso não constitui defeito ou qualidade *em si*, ainda que se mostre tautológica, se faz necessária.

Discutir criticamente *Torto Arado* não significa, em absoluto, questionar a importância dos temas e das discussões que o livro pode promover. Essa espécie de desagravo se faz necessária pois tem sido assustadoramente comum que críticas negativas à obra sejam respondidas em tom de denúncia – movimento feito inclusive pelo próprio autor do romance contra a jornalista e professora Fabiana Moraes<sup>3</sup>. Em um *tweet* sobre o livro, ela avalia: “*Torto Arado* é um bom livro, mas: boa parte do entusiasmo vem do mercado editorial sublinhando obra que apazigua a má consciência branca (lembrando aqui Allan da Rosa/Baldwin). Excesso de didatismo incomoda. Às vezes parece aula pra pele clara entender” (MORAES, 2021)<sup>4</sup>.

Ainda que a forma como Moraes tenha se expressado possa ser lida como indelicada por alguns, como ela reconhece em artigo posterior, no *The Intercept*, ela está tratando do *texto* de Itamar Vieira Junior. A resposta, no entanto, foi em tom pessoal e acusatório. Tal resposta, segundo a jornalista, com insinuações sobre racismo e a suposta “predileção” de Moraes por autores brancos, representa, por parte do escritor, ferido em suas suscetibilidades, meramente uma tentativa de interdição do debate e da crítica, e acaba por justificar e fazer com que sejam necessárias tantas “explicações” ao discutir a obra.

---

<sup>3</sup> Tal como exposto por ela em artigo publicado no Intercept Brasil. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/02/23/reflexao-minha-avo-torto-arado-lingua-apunhalada-itamar-vieira-junior/>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

<sup>4</sup> *Tweet* de 19 jan./2021, disponível no perfil da jornalista Fabiana Moraes.

# Criação & Crítica

Mais recentemente, após a publicação de um texto crítico de Ligia Gonçalves Diniz<sup>5</sup>, na *Revista Quatro Cinco Um*, no qual aponta uma série de problemas no novo romance de Itamar Vieira Junior, *Salvar o fogo* (2023), o apontamento feito por Fabiana Moraes veio a se confirmar. A resposta instantânea do autor foi bloquear a professora em todas as suas redes sociais e, posteriormente, publicar um texto<sup>6</sup>, em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, em que basicamente tenta estabelecer uma relação no mínimo incongruente entre as críticas às suas obras com os casos de racismo sofridos pelo jogador de futebol Vinícius Júnior na Espanha.

Observando esse tipo de movimento e determinado padrão na maneira de lidar com as críticas, o escritor angolano José Eduardo Agualusa publicou, após essa resposta veemente do autor contra a leitura de Lígia, um texto intitulado “Carta a um escritor que admiro”, no jornal *O Globo*, em que busca chamar a atenção de Vieira Junior para a importância das críticas, e comenta como pode ser problemático que uma figura pública como ele opte, para lidar com críticas à sua obra, por tratar acusações de racismo de forma tão banal. Até agora, a totalidade das críticas à obra tem sido tratada, tanto pelo autor como por ferrenhos defensores, de acordo com essa chave, que tenta apenas promover a interdição do debate.

Entre os textos dos que se dedicaram a escrever sobre *Torto Arado*, sobretudo os textos de 2021, observa-se a grande quantidade de artigos publicados em jornais e revistas *on-line*, dos quais parte significativa apresenta, como veremos, tom laudatório e exclusivamente celebrativo. Como mencionado, deve-se considerar a importância e o peso de tão renomadas premiações e do número de vendas ao interpretar essa multiplicidade de escritos parecidos, o que sugeriria uma precoce consolidação. Isso, apesar de instigar a curiosidade e interesse pela obra, gerando expectativas, nada tem – ou não deveria ter – a ver com sua qualidade literária.

Artigos como o de Enio Vieira para a *Revista Bula*<sup>7</sup>, ou o de Rodrigo Casarin (que participou de um dos júris que elegeu a obra como vencedora), para sua coluna no site *UOL*<sup>8</sup>, ou ainda o artigo de Danilo Thomaz para o *Guia do Estudante Abril*<sup>9</sup>

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/espirito-do-tempo>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

<sup>6</sup> Texto de Itamar Vieira Junior, publicado na *Folha de S. Paulo*, em que o autor associa as críticas feitas pela professora ao episódio de racismo sofrido por Vinícius Junior, jogador de futebol brasileiro que atua pelo clube Real Madrid. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2023/05/vini-jr-ensina-que-devemos-erguer-a-cabeca-e-ir-ate-o-fim-contra-racismo.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.revistabula.com/42530-o-fenomeno-torto-arado/>>. Acesso em: 08 mai. 2022

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2021/02/17/mas-torto-arado-e-tudo-isso-mesmo.htm>>. Acesso em: 08 mai. 2022

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/por-que-gostamos-do-romance-torto-arado/>>. Acesso em: 09 mai. 2022

# Criação & Crítica

representam esse tom laudatório. Ainda que se pese os propósitos dos textos jornalísticos nesse sentido, como a divulgação da obra e o incentivo à leitura, é estranho que alguns aspectos problemáticos da obra simplesmente não apareçam ou, quando aparecem, lhes sejam dispensados comentários com sinal invertido, ou seja, são considerados, às vezes, como pontos altos do referido romance. Reproduzo, a seguir, um trecho do artigo de Enio Vieira:

Em seu romance, Itamar Vieira criou vozes femininas negras em três capítulos narrados na primeira pessoa. Elas jamais protagonizam romances e contos na produção literária do Brasil. A escrita carrega um tom médio nas frases, sempre bem moduladas, e busca a precisão da palavra. O verbo ganha dos adjetivos e das metáforas. Não há a rispidez para mimetizar a secura do ambiente, nem a exuberância para estilizar a natureza. (VIEIRA JUNIOR, 2021)

É certo que Itamar Vieira Junior traz algo pouco comum para a representação literária brasileira (ainda que não seja o primeiro, como afirma tão categoricamente o artigo) ao escolher representar a partir da perspectiva de narradoras-protagonistas negras, mas o “tom médio nas frases” é regular no romance e muito similar – se não igual – nas três narradoras, o que faz com que a obra se torne monocorde e funcione como uma espécie de romance em uma nota só, mesmo que seja narrado por três narradoras diferentes. É possível que, a respeito desse tom praticamente idêntico, se argumente que há a busca de colocar em especial relevo justamente as semelhanças entre as narradoras; mas, por outro lado, também é possível que disso se depreenda a representação de uma subjetividade mais ou menos homogênea, pouco complexa e superficial.

O que o autor apresenta necessariamente como problema, seja a “rispidez para mimetizar a secura do ambiente” ou a “exuberância para estilizar a natureza”, podem ser traços representativos de técnicas utilizadas por grandes nomes da literatura brasileira para a composição de suas obras, como *Vidas Secas* e *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, o que indica que o problema não é necessariamente o uso de determinado recurso, mas a justeza relativa a sua adequação para dar conta da matéria narrada. Por outro lado, em *Torto Arado*, se não há “rispidez para mimetizar a secura do ambiente”, há diversas passagens em que se pode encontrar evidentes traços associados outrora ao naturalismo, como recorrentes associações entre comportamentos humanos, das próprias protagonistas e seus pares, e

# Criação & Crítica

comportamentos animais, sobretudo relativo às mulheres, à sexualização e à reprodução:

Quanto mais criança via nascer, mais sentia como se meu corpo vibrasse, em movimento, pedindo para parir, como a terra úmida parece pedir para ser semeada; e se não fosse semeada, a natureza faz ela mesma seu cultivo, dando a capoeira, o maracujá-da-caatinga e folhas de toda sorte para curar os males do corpo e do espírito. Depois do fim da estiagem, nasceram crianças como orelha-de-pau em troncos apodrecidos nos charcos que se tornaram a vazante. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 105)

Desviei muitas vezes meu olhar para evitar os olhos dele. Mas quando percebia sua distração em outras moças e pessoas, ou sua dedicação ao serviço, o observava ao longe e sentia o interesse crescer. **Meu corpo se descontrolava como um potro, suave, exalava odores, tremia, fazia movimentos que levavam o coração à boca.** Me lembrava da chegada de Severo ainda menino a Água Negra. Mas não havia toda essa potência no desejo, era algo bom como asas frágeis se movendo em meu corpo. **Agora eu era uma fruta amadurecida convidando os pássaros a me bicarem, como os chupins que espantávamos dos arrozais até pouco tempo atrás.** (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 107, grifo nosso)

Esses artigos, acadêmicos ou jornalísticos, não chamam a atenção para esse tipo de problema, que evidencia certas inconsistências na construção dessas narradoras. Mesmo que se considere o trabalho de campo – trabalho este com o qual o romance guarda incontáveis convergências – do autor (VIEIRA JUNIOR, 2017) na comunidade de Lúna como base para a escrita do romance, e se considere que podem ser comuns alguns desses comportamentos por parte das pessoas observadas pelo Vieira Junior antropólogo – o que seria equivocado, pois não há nada sequer semelhante a isso em sua tese –, a opção por selecionar, entre tantos, precisamente estes momentos e figurá-los literariamente dessa maneira pode revelar certo apego descuidado a determinado caráter fotográfico do romance.

Poucos escritos acerca da obra vão ao texto e o examinam de maneira detida. Parece haver, no ar, uma impressão de que não é lá tarefa muito recomendável se dedicar a um estudo crítico do romance. Uma das exceções encontradas, texto que aponta alguns problemas do romance – mais políticos do que propriamente literários –, é o artigo escrito por Rodrigo Soares de Cerqueira. O autor reconhece a importância

# Criação & Crítica

da obra e destaca sobremaneira aspectos do romance que seriam positivos, mas também aponta alguns problemas, como o possível saldo político do desfecho do romance:

Uma das cenas finais do romance é a despedida de Inácio, filho de Bibiana e Severo, que deixa a fazenda para fazer faculdade, um passo a mais do que havia dado à mãe. A passagem ressoa as expectativas de *Que Horas Ela Volta?*, filme de Anna Muylaert, lançado em 2015, o apagar das luzes da expressão cultural lulista no imaginário nacional. Por um lado, redobrar a aposta na esperança incrustada na metáfora do acesso ao ensino superior dos filhos e das filhas dos setores mais pobres pode soar inocente num livro publicado já nara sob o signo do bolsonarismo. Por outro, os arcos narrativos das obras são diferentes. (CERQUEIRA, 2021)

Ainda que pontual, o questionamento proposto por Cerqueira é muito oportuno. O que pode significar a aposta, ou “a aposta redobrada”, em um desenvolvimento inclusivo e democrático, com um desfecho tranquilizante, em que os conflitos se resolvem de maneira paradoxalmente mística e quase natural, reencenando uma entrada no século XXI? O filho de Bibiana, chamado **Inácio**, indo para a universidade, as casas de alvenaria sendo construídas e o órgão do governo que garante a possibilidade de as famílias continuarem a ocupar as terras que lhes são de direito são alguns dos elementos que apontam para essa aposta, o que é problemático e pode revelar uma posição conservadora e despolitizante do autor diante da consideração de que o livro foi escrito já sob o signo da extrema direita no poder.

Em um texto sobre o romance intitulado “Geografia lírica do sertão baiano”, para a revista *Quatro cinco um*, Luciana Araújo faz uma resenha elogiosa que, porém, acaba por revelar alguns problemas de leitura, por exemplo no que se refere ao entendimento acerca do período em que se passa a narrativa, pois a antecipa em cerca de 15 anos<sup>10</sup>. Esse erro de cálculo até poderia, em alguma medida, ser considerado irrelevante, caso o desfecho do romance e o que ele representa não fossem tão significativos. Além disso, a autora faz uma relação entre o ressentimento

---

<sup>10</sup> A autora afirma que a primeira parte da obra, narrada por Bibiana, se dá por volta de 1950, mas há, no trecho, menção à Ford Rural, automóvel que só passa a ser fabricado pela Ford já no fim da década de sessenta e início da década de setenta. Como o acidente com a faca se dá quando Bibiana já tinha sete anos, conclui-se que o episódio se passa, no mínimo, em 1976/77.

# Criação & Crítica

de Santa Rita Pescadeira (narradora da terceira parte do romance, “Rio de sangue”) e os “tempos de conversão ao evangelismo”, o que representa uma leitura consideravelmente simplificadora, que contrapõe as religiões e ignora o papel da modernização das formas de vida na fazenda e o papel das novas gerações como elementos que tornam mais complexas as relações daquele povo com suas tradições.

No que se refere às tradições, Karina Lima Sales (2020) chama a atenção para a maneira como o romance é construído a partir da relação de diferentes gerações daqueles sujeitos – expropriados da terra – com a terra, a qual representa moradia, solo de onde se retira o sustento para a subsistência, mas que também é o solo onde se dá a exploração desumana a que estão submetidos. Após a consideração de que *Torto Arado* “é um romance denso, com uma narrativa fluente e muitíssimo bem arquitetada”, a autora emenda: “pelos suas páginas vicejam denúncias de desigualdades sociais, das violências de gênero, do projeto genocida sempre presente, do peso da fome, do abandono e do desrespeito sofrido pelos trabalhadores rurais”, o que é inegável.

O artigo de Liana Aragão Scalia chama a atenção pelo título, “*Torto arado é literatura engajada*” (2022), o qual, apesar de poder soar como mera constatação de uma obviedade, pode ser entendido, após a leitura, como uma reafirmação ou reivindicação, uma defesa do caráter engajado da obra – e de um conjunto de obras. Para Scalia, foi essa “postura” de acadêmico e zeloso servidor público, comprometido com a constituição, que “deu ao livro o que lhe é mais caro e que **não pode ser reduzido diante da poesia, das figuras de linguagem, dos arranjos textuais etc.**” (Scalia, 2021, p.249). Parece haver no texto certa pretensão de estabelecer uma relação entre forma e conteúdo em que ambos sejam mutuamente excludentes: de um lado, o que é mais caro à obra, o engajamento; de outro, a linguagem e a representação literária – acessórios.

A autora encerra seu texto refazendo considerações acerca do caráter engajado do romance como se isso garantisse algo à obra e menciona ainda, a fim de tentar comprovar sua leitura, a entrevista de Itamar Vieira Junior ao *Roda Viva*, em que ele, segundo a autora,

[...] já incorporou alguns clichês típicos do campo: “tive cuidado com a universalidade”, “faço referência a textos canônicos”, “como escritor, me interessa a ficção”, “ofereço pistas para que o leitor não receba tudo de bandeja”, “o leitor se encontra com a narrativa na linguagem”, “quero fazer literatura e não documento”. (SCALIA, 2021, p.249)



# Criação & Crítica

É possível afirmar que a discussão que permeia o romance e que o romance permeia é uma discussão acerca da construção, ou reconstrução, de uma identidade nacional. Para tanto, a obra tenta iluminar questões do passado de forma que a reconstrução dessas memórias nos indique algo sobre nosso presente. Ao estudo dessa tentativa de recuperação do passado em *Torto Arado* se dedicam, em seu texto, Eliziane Navarro e Marcelo Ferraz de Paula (2020), desenvolvendo uma investigação acerca do caráter histórico do referido romance<sup>11</sup>. A discussão se dá predominantemente no campo sociológico – acerca da matéria que serve como substrato para a composição da obra – e sobre algumas características do que seria o romance histórico. Destaco do artigo uma passagem em que é possível notar uma espécie de síntese das ideias defendidas no texto:

O retorno ao passado ainda é uma necessidade histórica. Ainda que a intenção seja construir uma identidade – latino-americana, neste caso – centrada nas verdades do país colonizado e não na de seu colonizador, é preciso voltar ao passado, em uma espécie de ato crítico-destruidor que refunde os alicerces, para só então construir outra vez. Essa volta ao passado redireciona ao centro o que foi marginalizado. Se antes a história era a representação dos vencedores, agora é a massa que toma o protagonismo em detrimento aos heróis de outrora. O romance histórico, nesse sentido, é uma **resposta política que busca a conscientização, não pelo que é dito, mas pelas ações das personagens.** (FERRAZ, NAVARRO, 2020, p. 18, grifo nosso)

De fato, o movimento de retorno ao passado é uma necessidade histórica e passo importante para a tentativa de construção desse “ato crítico-destruidor”, mas não é tão certo que “essa volta ao passado redireciona ao centro o que foi marginalizado”. É preciso que se discuta qualitativamente o caráter desse retorno, sob qual perspectiva ele é feito, sob qual forma se dá a composição, no caso do romance, e de que maneira ela é executada. Pensar se há alguma relação entre o desfecho do romance, em que há violência, mas parte de uma entidade mística, e que parece depositar certa fé no progresso e nas capacidades do Estado em começar a atender as demandas daquela população, pode (aliado ao número de prêmios recebidos pela obra e à atenção e divulgação na grande mídia) nos fornecer alguns elementos para

---

<sup>11</sup> O texto também trata do romance *Formas de voltar para casa*, de Alejandro Zambra, mas me deterei nas partes do artigo dedicadas ao romance de Itamar Vieira Júnior.

# Criação & Crítica

pensarmos, sem desconsiderar a pertinência temática e, inclusive, em respeito à obra, alguns de seus pontos críticos.

A narração em primeira pessoa nesse romance constrói uma ficcionalização de relato, por meio do qual as ações das personagens são lembradas. Considerar que são as ações das personagens, e não o que é dito, que buscam a conscientização pode soar problemático no caso de *Torto Arado*, pois, apesar de o romance apresentar duas mulheres e uma entidade (feminina?) como narradoras-protagonistas, pode-se perceber, no desenvolvimento da narrativa, que as duas irmãs-narradoras de alguma forma orbitam em volta dos protagonistas de fato, se considerarmos exclusivamente o plano das ações: Zeca Chapéu Grande e Severo.

A impressão que se pode ter é que os dois representam modelos seguidos por Bibiana e Belonísia – esta última, apesar de muito próxima ao pai, apresenta uma guinada radical no desenvolvimento da obra, e passa a nutrir profundo respeito e admiração por Severo a ponto de buscar seguir seus passos em uma inesperada guinada em direção aos saberes assim chamados escolares; fruto, ao que parece, de sua admiração por ele, mas construída de uma forma que sequer parece construída, senão pré-fabricada e repentinamente inserida no meio do desenvolvimento da personagem central. A narradora, que já nutria admiração pelo cunhado, mas desprezava os saberes escolares, algo sobre o qual incide também a dificuldade comunicativa, passa, de modo repentino, a nutrir o mais profundo desejo de se tornar uma intelectual, começa a devorar livros do dia para a noite e também a escrever.

Tal movimento não só não seria de todo problemático como poderia ser enriquecedor caso não ocorresse de maneira tão abrupta e sem as devidas nuances. Para Lukács (1964), se os destinos humanos não são construídos em seu processo e narrados de maneira que indique a sua evolução, seu desenvolvimento, há a apresentação de caracteres e comportamentos como se estes fossem algo pronto, definido e acabado, o que seria uma espécie de reprodução, no campo da literatura, análoga ao problema relativo à mercadoria enquanto produto que esconde o processo por meio do qual vem a existir enquanto tal, e nos aparece como coisa pronta. A apresentação de personagens e/ou de mudanças de atitudes de maneira abrupta, como se verifica, no romance, na representação de Severo como uma espécie de par oposto de Zeca Chapéu Grande – este, por sua vez, construído de maneira muito mais mediada – e na guinada de Belonísia, outrora avessa às letras, rumo aos livros<sup>12</sup>,

---

<sup>12</sup> “Se eu soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornado branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse. Teria comprado cadernos com o dinheiro das coisas que vendia na feira, e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. [...] Quando Bibiana já morava novamente entre nós, passei a ler tudo o que visse em suas mãos ou nas

# Criação & Crítica

acaba por não se configurar, de fato, enquanto uma construção, o que empobrece sobremaneira essas personagens, pois as dessubjetiva. Quando se trata do conjunto da representação das personagens, isso ocorre de maneira mais evidente com o próprio Severo, o que é esperado, dada a centralidade de Belonísia na obra; mas, ainda assim, é possível perceber, em momentos como o mencionado, representativo da guinada da narradora, que este problema não é exclusivo de personagens cujo papel no desenvolvimento do romance seja menor.

Caso consideremos exclusivamente o plano das ações – novamente, em detrimento ao que é dito –, mais uma vez o desfecho do romance se destaca e se mostra problemático de forma mais aguda. A resolução do conflito pela via mística, tendo Santa Rita Pescadeira como mentora intelectual (espiritual?) acaba por excluir as irmãs do plano da ação – já que servem apenas como “cavalos” da entidade. Ainda que fossem elas, teríamos a figura das heroínas, em episódio isolado e espontâneo de justificação. Não há “as massas tomando o protagonismo em detrimento dos heróis de outrora”. Há um assassinato como forma de vingança e a conformação das coisas, tudo parecendo caminhar para um futuro melhor depois disso. Há conformação da revolta em vingança. A vingança ali não incendeia, pelo contrário: ela acalma, tranquiliza.

## Denunciar ou tranquilizar?

Como vimos, há, de fato, uma multiplicidade de denúncias pertinentes na obra, mas isso não está intrinsecamente relacionado à qualidade de sua densidade, fluência ou composição. Nesse sentido, destaca-se parte do artigo de Liana Aragão Scalia (2021), em que ela apresenta uma observação incomum – pois vai ao texto, mas não só – sobre algo que salta aos olhos na obra mas foi pouco comentado: o excesso de artifícios dos quais Vieira Junior lança mão para manter certo segredo sobre qual das duas irmãs perdeu a língua.

É nessa tentativa de guardar do leitor o segredo sobre quem perdeu a fala e quem se expressa pelas duas que Vieira Júnior comete o exagero do uso de sinônimos e da repetição do conteúdo velado, que acaba por comprometer a fluidez da narrativa [...]. No conjunto, a bem construída parte “Fio de corte” perde força em decorrência desse

---

de Severo. Passei a sentir fome de leitura, levava livro até para a sombra do descanso na roça.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 170).

# Criação & Crítica

arremedo de aliteração, mas é arrematada com a revelação, enfim, de modo poético e emocionante. (SCALIA, 2021, p. 245)

Isso a que a autora se refere como um excesso de artifícios também se manifesta ao longo de outras partes da obra, mas, talvez, sem um objetivo ou propósito tão definido como ocorre nesse caso específico. Em outras partes do romance de Itamar Vieira Junior, é possível constatar, como se mostrará mais adiante, a recorrência dessa espécie de exagero de recursos, que ora enveredam pela tentativa de *poetizar* a prosa a qualquer custo, ora seguem pelo caminho da explicação do que por vezes já está posto pelo próprio desenvolvimento do enredo e das personagens.

Se, por um lado, verifica-se isso que foi chamado de “excesso de artifícios”, o que, a princípio, poderia promover certo distanciamento do romance em relação ao que já foi aqui apontado como traços de um aspecto naturalista; por outro, verifica-se a presença de alguns traços tipicamente associados ao naturalismo de maneira recorrente na obra, como o forte e regular apelo à referencialidade – para além da zoomorfização, como já mencionado. Nesse sentido, a obra de Flora Süssekind mostra-se pertinente como uma das ferramentas para nossa discussão acerca do romance. Embora a autora não tenha escrito *Tal Brasil, Qual romance?* (1984) especificamente sobre as manifestações de tendências ou traços naturalistas no século XXI, parece pertinente retomarmos uma avaliação da autora na seção “Uma recepção-quase-pragmática”:

Do ponto de vista de sua recepção, o texto naturalista se torna tanto mais eficaz quanto maior for a ilusão extratextual despertada no leitor, quanto mais se tiver a impressão de se ultrapassar a linguagem na direção da materialidade dos “fatos”, do “real”. Como uma espécie de Quixote, o leitor de preferências naturalistas parece impossibilitado de distinguir a dimensão ficcional da literatura por não poder tomá-la ao pé da letra. Acredita no arremedo biológico dos romances de fim de século, na esperança revolucionária de um Jorge Amado, na veracidade jornalística dos romances-reportagem. Acredita neles não enquanto ficção, mas como referencialidade pura. (SÜSSEKIND, 1984, p. 98)

A autora chama a atenção, no mesmo livro, para que se evite cair também na ilusão de encarar as sucessivas manifestações naturalistas como meras repetições

# Criação & Crítica

(no fim do século XIX, na primeira metade do século XX e na década de 70). Obviamente, os contextos são distintos e há diferenças entre essas recorrentes manifestações naturalistas, mas se há algo que persiste é também o “caráter-quase-pragmático” da recepção, a separação entre a forma e o conteúdo da literatura e o consequente “ocultamento da qualidade ficcional” desta.

Uma obra fica valorizada desde que análoga ao real. Um escritor, desde que semelhante a uma câmera. Dessa maneira, livra-se o leitor de possíveis estranhezas, de quaisquer ambiguidades que venham a ameaçar sua própria concepção de realidade. Desde que o texto se apresente como análogo ao que se considera como sendo “o” real, ao que se tem por nacionalidade e cultura, seu efeito é tranquilizador [...]. Oculta-se dessa escrita transparente seu caráter de *produção*, como numa mercadoria manufaturada se escondem também os traços do trabalho operário que a produziu. (SÜSSEKIND, 1984, p. 101)

Apesar de poder parecer o contrário, como no caso de obras que se pretendam claramente denúncia, o efeito desse tipo de texto tende a ser “tranquilizador”. Também em *Torto Arado*, é possível que a identificação imediata do leitor com o referente externo, em uma espécie de exercício recorrente de verificação relativa a esse mundo referencial que o livro parece estimular, também carregue consigo essa tendência, pois a denúncia, quando se detém na superfície, no fenômeno, sem arar a realidade objetiva de modo a revolvê-la e trazer à superfície, de maneira sensível, suas determinações mais profundas, pode acabar por apenas recolocar essa realidade fenomênica e, em alguma medida, naturalizá-la. Se considerarmos o salto que representa a última parte e o desfecho da obra em relação a seu conjunto, uma solução apresentada pela via mística e que sinaliza para um “progresso” com a marca do que seria o poder reparador do Estado, o saldo da obra pode ser tido como mais conservador ainda, pois se furta de apresentar de maneira mais profunda as contradições em jogo na realidade plasmada e ainda investe no que seria uma solução “fácil” e problemática: no plano da composição literária, o *deus ex machina*; no plano político da trama, a fé no estado democrático de direito como aliado – a despeito de seu papel historicamente consolidado.

Por fim, destaca-se que o objetivo deste trabalho não é questionar o sucesso de *Torto Arado*, algo objetivo e inegável, mas focar na discussão de alguns pontos críticos acerca da obra e, possivelmente, em uma ou outra razão pela qual acreditamos que ela teve essa recepção entusiasmada. Como já foi repetido, parte

# Criação & Crítica

significativa dos artigos jornalísticos e acadêmicos, das resenhas, dos vídeos e dos comentários são majoritariamente elogiosos e ressaltam os aspectos positivos da obra e, nesse sentido, tornam desnecessário esse tipo de repetição.

## **Torto Arado – outra leitura**

Se, por um lado, como mencionado, *Torto Arado* apresenta algumas características que identificamos com traços naturalistas, por outro, a obra parece se afastar do que é tipicamente tido como um modo de representar naturalista. É o caso, por exemplo, da construção de seu foco narrativo, que se dá a partir de narradoras em primeira pessoa, o que seria incongruente com a proposta de uma literatura que se pretendesse puro registro objetivo – bem como a presença de uma narradora que é uma *encantada*, uma entidade mística –, e também no trabalho com a linguagem que há no romance, ainda que seja possível a discussão acerca do caráter desse trabalho com a linguagem empregada ali. Não parece haver a tentativa, por meio de suposta ausência de trabalho com a linguagem, de disfarce ou de ocultamento do caráter literário do texto, mas com isso convive o forte aspecto referencial do romance.

A observação do evidente trabalho com a linguagem, por outro lado, se apresenta também como um dos elementos que enfraquece a narrativa, dado que esta é construída por meio da ficcionalização de testemunhos e, nesse sentido, por diversas vezes, esse trabalho, da forma como é feito na obra, parece descaracterizar as narradoras, fazendo-as soar ora como professoras do leitor:

Poder estar ao lado de meu pai era melhor do que estar na companhia de dona Lourdes, com seu perfume enjoativo e suas histórias mentirosas sobre a terra. Ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e textos só havia histórias de soldado, professor, médico e juiz. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99)

(o que não tem propriamente a ver com a observação acerca do trabalho com a linguagem, mas que também será discutido); ora forçosamente poéticas, como esse episódio narrado por Bibiana, ao falar sobre peças de roupas guardadas pela avó em uma mala: “Levantei algumas peças de roupa antigas, surradas, e de outras que ainda guardavam as cores vivas que a luz do dia seco irradiava, luz que nunca soube

# Criação & Crítica

descrever de forma exata.” (VIEIRA JUNIOR, 2021). Bibiana, adulta, narra – retrospectivamente – seu passado, um episódio traumático: de onde vem a necessidade ou importância de dizer “luz que nunca soube descrever de forma exata”? Ora, é a “luz do dia seco”. Quem descreve a luz de forma exata e qual seria a *necessidade* disso para o desenvolvimento da narrativa? Note-se que isso não representa necessariamente um problema de acordo com uma representação realista. Isso só se mostra um problema desde que feito de forma que não se vincule de maneira orgânica ao desenvolvimento das ações das personagens e do enredo da obra, pois, ao induzir o leitor a suspeitar da construção que parte da narradora, remete-o para fora do mundo da trama.

Nesse sentido, observamos que o expediente descritivo na obra, operado a partir da perspectiva das narradoras-protagonistas em primeira pessoa, o que tenderia, segundo Lukács, a transformar o romance em um “rutilante caos caleidoscópico” (LUKÁCS, 1964, p.69), funciona como um dos elementos que acaba por homogeneizar as subjetividades dos sujeitos ali representados. Às diferentes narradoras se espera que correspondam diferentes subjetividades, manifestadas também por meio de diferenças na forma de narrar, e o que se observa ao longo da obra é precisamente o contrário disso, deixando ao leitor a impressão de que se trata de uma obra na qual a construção do foco narrativo em primeira pessoa se revela como forma sobremaneira arbitrária de representação daquele conteúdo.

Em outras palavras, a percepção de que se trata de narradoras em primeira pessoa que, de maneira inexplicável, conservam o mesmo tom, a mesma dicção, e em determinadas partes da obra até se mostram oniscientes – e não tratamos aqui da terceira narradora, a quem é “lícito” ser onisciente dado que se trata de uma entidade mística –, pode ser reveladora no sentido de que a construção inconsistente destas narradoras permite que se evidencie, em medida muito maior do que convém à proposta da obra, a intromissão indevida da figura do autor.

A esse problema na construção das narradoras se une o conjunto de problemas mencionados anteriormente, como a perspectiva em considerável medida zoomorfizadora das personagens, determinados lampejos de onisciência inexplicável e, no plano do conteúdo da obra, uma leitura do Brasil que também se revela problemática.

Em artigo intitulado “Inscrições do real em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior” (2021), Shirley Carreira busca fazer uma leitura do referido romance de acordo com o conceito de realismo afetivo, postulado por Karl Erik Schøllhammer (2012). Inicialmente, cabe ressaltar que o que Schøllhammer toma como realismo já apresenta alguns problemas. Primeiro, no seguinte sentido: se já é discutível a proposta que pretende associar o realismo, de maneira fixa, necessariamente aos

# Criação & Crítica

romances históricos do século XIX, postulando o realismo exclusivamente enquanto escola literária datada e não como modo de figuração estética, no caso do referido autor o problema adquire novos contornos, pois, os autores que ele menciona como representantes desse realismo (SCHØLLHAMMER, 2012) são justamente alguns dos autores que Lukács classifica como naturalistas e que, em considerável medida, se afastam – às vezes sem sentido antagônico –, por razões aqui já discutidas, do que ele formula como realismo. Sendo assim, Schøllhammer fixa sua avaliação sobre o que chama de realismo histórico nesses autores e destaca algumas características também apontadas por Lukács como problemáticas para afirmar o caráter antiquado e ultrapassado desse modo de representação. O segundo problema está no fato de que o autor considera, a partir desse conceito discutível de realismo, que certo grupo de autores da literatura contemporânea brasileira supera esse realismo, que estaria ultrapassado, ao buscar um modo de representar que não pretenda uma “[...] volta às técnicas narrativas da verossimilhança descritiva e da objetividade narrativa.” (SCHØLLHAMMER, 2009, p.53). A seguinte passagem, retirada de um ensaio – ironicamente, para o debate – intitulado “Trata-se do realismo!” (2016), de Lukács, representa apenas um dos vários momentos de sua obra em que o autor trata do conceito de realismo de maneira consideravelmente, senão radicalmente, diversa do que postula Schøllhammer:

Todo realista significativo elabora – também com os meios da abstração – o material das suas vivências, para alcançar as legalidades da realidade objetiva, **as conexões mais profundas, ocultas, mediatizadas, não imediatamente perceptíveis**, da realidade social. **Como essas conexões não se encontram imediatamente à superfície, como essas legalidades se concretizam de forma intrincada**, apenas tendencialmente, daí resulta, para o realista significativo, um trabalho gigantesco, um duplo trabalho, tanto artístico como filosófico, a saber: em primeiro lugar, descobrir intelectualmente e revelar artisticamente essas conexões; em segundo lugar, porém, e inseparável da relação anterior, **recobrir artisticamente as conexões a que se chegou por meio da abstração** – a superação da abstração. Mediante este *duplo* trabalho surge **uma nova imedaticidade, artisticamente mediatizada, uma superfície configurada da vida, a qual, embora em cada momento deixe transparecer claramente a essência (o que não acontece com a imedaticidade da própria vida), se apresenta, no entanto, como imedaticidade**, como superfície da vida. E, na verdade, como toda superfície da vida em todas as suas determinações essenciais –



# Criação & Crítica

não apenas como um momento subjetivamente percebido e, por meio da abstração, potenciado e isolado do complexo desta conexão conjunta.

É esta a *dialética artística da essência e da aparência*. Quanto mais variada e rica, intrincada e “astuta” (Lenin) ela for, quanto mais intensamente ela abranger a contradição viva da vida, a unidade viva da contradição de riqueza e unidade das determinações sociais, tanto maior e mais profundo será o realismo. (LUKÁCS, 2016, p. 259-260, grifos do autor em itálico, grifos nossos em negrito)

Não nos interessa aqui adentrar aos méritos ou às causas pelas quais o conjunto das formulações de Schøllhammer parecem ignorar completamente a existência do desenvolvimento do debate acerca do realismo desenvolvido por Lukács, um dos maiores teóricos marxistas do século XX e um autor que dedicou parte significativa de sua vida a esse debate; cabe tão somente apontar este fato para introduzir o questionamento acerca da consistência do que o teórico formula como realismo e, conseqüentemente, como realismo afetivo. Nesse sentido, considerando que a autora do artigo “Inscrições do real em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior” mobiliza o conceito de realismo afetivo como chave de leitura para o romance precisamente pelo fato de, supostamente, se tratar de um conceito que “identifica na literatura contemporânea inscrições do real que se distanciam do realismo histórico e representativo dos séculos XIX e XX” (CARREIRA, 2021, p.184), retomaremos uma citação de Schøllhammer – feita de maneira abreviada na página anterior – em que ele trata da nova geração de escritores da literatura contemporânea:

Mas o que justifica ver realismo nessa nova geração de escritores? É claro que ninguém está comparando-os estilisticamente aos realistas do passado, pois não há nenhuma volta às técnicas narrativas da verossimilhança descritiva e da objetividade narrativa. O que encontramos sim, nesses novos autores, é a vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos. Não se trata, portanto, de um realismo tradicional e ingênuo em busca da ilusão de realidade. Nem se trata, tampouco, de um realismo propriamente representativo. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 53)

# Criação & Crítica

Ainda que não haja texto do autor especificamente sobre *Torto Arado*, é possível inferir que a obra se enquadraria, também para ele, no que ele propõe como fruto de uma “nova geração de escritores” que revelariam, por meio de suas obras, um “novo realismo”, principalmente a partir da verificação de um “projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira [...] pelos pontos de vista marginais ou periféricos.”. Em seu artigo, ao esboçar uma definição de realismo afetivo, o autor menciona “uma estética afetiva, em contraponto a uma estética do efeito, e que opera através de singularidades afirmativas e criativas de subjetividades e intersubjetividades afetivas” (SCHØLLHAMMER, 2012, p.138). *Torto Arado* é construído a partir da perspectiva de duas narradoras que são mulheres negras sertanejas e de uma *encantada*. Isso seria suficiente para uma consideração de um “ponto de vista marginal ou periférico” e de um movimento, na literatura, que questione o conceito de representação – traços representativos, para os autores, do realismo afetivo? De acordo com algumas das afirmações presentes no artigo de Shirley Carreira, sim. O texto ainda busca, além da leitura já mencionada, “verificar de que modo o romance produz efeitos sensíveis de realidade, apesar da presença de elementos insólitos, e paralelamente estabelece um diálogo entre o local e o universal.” (CARREIRA, 2021, p.186).

A tais formulações não corresponde consequente desenvolvimento no texto, sendo a maior parte do artigo constituída de uma espécie de explicação da narrativa, em que a autora passa de forma breve pelas três partes do livro e o apresenta ao leitor, alternando entre citações diretas e indiretas, com alguns breves comentários. “Consequente” pois há certo desenvolvimento da questão, de maneira breve, como, por exemplo, é possível perceber no seguinte trecho:

A fazenda Água Negra reproduz a estrutura autárquica das fazendas coloniais que centralizavam o exercício de poder. Exercício esse que continua a existir no Brasil do século XXI, em muitos latifúndios que, secretamente, impõem aos trabalhadores um sistema de escravidão. O romance constrói assim um efeito de real. (CARREIRA, 2021, p.191)

Aqui se apresentam dois problemas: primeiro, a afirmação de que o fato de a fazenda Água Negra reproduzir certa estrutura das fazendas coloniais que continuam a existir seja suficiente para a construção de um “efeito de real”, como se o mero aspecto referencial fosse o suficiente; e, segundo, tal formulação contraria de maneira direta o que já foi afirmado sobre o romance no sentido da superação de um realismo representativo. À autora só é possível uma leitura de *Torto Arado* no sentido de uma

# Criação & Crítica

superação do que chama, via Schøllhammer, de realismo histórico, na direção do que seria o realismo afetivo, por meio da descaracterização, ou de uma caracterização muito estreita, da categoria realismo. Parece ser precisamente devido a certos procedimentos de representação que a autora considera as “inscrições do real” em *Torto Arado*, o que, mais uma vez, aponta na direção oposta de uma das afirmações que constituem o eixo de seu artigo.

A isso se pode objetar que a formulação de Schøllhammer sobre a “estética afetiva” postula uma “estranha combinação entre representação e não representação”, mas não seria essa uma formulação demasiadamente genérica? Não fica claro, nem na formulação do autor, nem no artigo de Shirley Carreira, quais são os elementos que garantem ao “novo realismo” esse caráter supostamente não representativo. Sobre esse aspecto da discussão desenvolvida por Schøllhammer, é pertinente que tragamos uma breve citação de artigo de Alex Alves Fogal, em que ele aponta duas contradições centrais relativas às formulações do autor sobre o tema presentes na obra *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009):

A performance dramática permite que o artista possa “outrar-se” porque nos mostra a interioridade em seu aspecto exterior. Ao contrário do que aponta Schøllhammer, a dramatização eleva a representação ao seu mais alto grau. Como vimos, do ponto de vista conceitual tal assertiva já seria um problema, mas, soma-se a isso a contradição na qual o crítico cai algumas páginas à frente, quando analisa o estilo narrativo de Marçal Aquino. Nesse caso, Schøllhammer frisa a “prosa sucinta”, sem “extravagâncias” e com “objetividade na descrição da narrativa”. Ora, como desvincular essas palavras da noção de representatividade? Além disso, não eram essas as características do modelo realista visto como ultrapassado? O mesmo ocorre quando o estudioso nos expõe a forma estética adotada por Fernando Bonassi, na qual enxerga “descrições cirúrgicas” e o “estilo cortante das notícias de jornal”. Nos dois casos o que está em foco é a questão da representação, e como se não bastasse, isso ocorre a partir de uma perspectiva de realismo vulgarizada. (FOGAL, 2020, p. 274-275)

Nesse sentido, é possível perceber que o novo realismo formulado por Schøllhammer traz consigo dois problemas: não é novo, dado que o que o autor aponta como novo em suas observações remete a características antigas do que ele mesmo chama de um realismo antigo e ultrapassado; nem é realismo, considerando

# Criação & Crítica

o desenvolvimento da categoria por Lukács, por exemplo, dado que a concepção de realismo do autor se associa a uma concepção de realismo reducionista e simplificadora.

Nesse sentido, é problemático pensar em *Torto Arado* como representante disso que seria esse novo realismo, na medida em que a obra, se por um lado tenta fazer uso de certa “presentificação” ao se valer de narradoras protagonistas, por outro lado, acaba revelando, devido à inconsistência dessas narradoras, a artificialidade relativa ao emprego desse recurso.

Para Shirley Carreira, parece suficiente, para considerar a relação entre local e universal no romance, o fato de que, a partir da representação de uma determinada fazenda, se remeta à situação de um conjunto de trabalhadores explorados em latifúndios espalhados pelo Brasil. Se à situação representada na obra corresponde uma situação que existe objetivamente em maior escala, está feita a relação, independente da forma pela qual isso é representado, o que nos parece representar uma redução do papel da literatura e da complexidade relativa a uma representação verdadeiramente realista, que busque, por meio do *particular*, articular e representar de maneira sensível os momentos mais representativos de dada realidade objetiva, ou seja, os momentos em que o universal se manifesta no singular. Junto a esse tipo de formulação, há outras, no próprio artigo, que parecem indicar um sentido oposto:

Em *Torto Arado*, a inscrição do real não está no verossímil, mas no efeito estético da leitura, que permite o envolvimento do leitor na realidade da narrativa. A contraditória presença do insólito, aliada ao tom confessional das vozes narrativas mistura-se a um contexto engendrado na ficção para estabelecer a “impressão de realidade” que se concretiza na leitura, provocando um efeito de real mais intenso do que o realismo que se busca mimético. (CARREIRA, 2021, p.196)

Retoma-se, nessa parte do texto, a consideração de que a inscrição do real no romance não tem a ver com a verossimilhança – ao que se segue a passagem já mencionada sobre a fazenda Água Negra – mas com um efeito estético da leitura. Um dos aspectos que mais chama a atenção do leitor em *Torto Arado* é seu apelo à referencialidade, de maneira que é recorrente na leitura da obra a impressão de que seu próprio desenvolvimento está o tempo inteiro apontando para fora de suas páginas ou de seu mundo, o que denota um problema no sentido da consideração lukácsiana, em *Arte e verdade objetiva*, acerca da necessidade de a obra literária criar um mundo próprio. Aliado a isso, é possível que se considere que esse recorrente

# Criação & Crítica

aspecto referencial esteja ligado precisamente a uma busca pela verossimilhança, como se, diante da ausência desse mundo próprio da obra de arte, fosse necessário representar literariamente de maneira que essa representação seja verificável na realidade objetiva.

Não se sabe, e não fica assim evidente no artigo, ao que corresponderia a “contraditória presença do insólito” no romance, mas provavelmente a autora está tratando da presença de uma narradora *encantada* que interfere diretamente no desenvolvimento da obra, tanto pelo fato de que ela resolve, de maneira inédita de acordo com sua própria construção, interferir na realidade das personagens do romance e fazer com que as irmãs se vinguem objetivamente do assassinato de Severo, assassinando Salomão; como pelo fato de que a parte do romance narrada pela *encantada* funciona como uma espécie de explicação do conjunto da obra – já consideravelmente didática. Ou seja, se, de fato, a “contraditória presença do insólito” corresponder à *encantada* que surge para tentar “solucionar” a obra em todos os aspectos, temos aqui, mais uma vez, a utilização de um antigo recurso literário que contribui não para a construção de um “efeito de real”, mas para nova indicação de intromissão do autor, o que, por sua vez, incide novamente sobre a consistência da obra e contribui significativamente em sentido inverso ao do “efeito estético da leitura, que permite o envolvimento do leitor na realidade da narrativa”. Pode, de fato, envolver o leitor de literatura o tom confessional, mas, como verificamos, no caso do romance de Itamar Vieira Junior, coexiste com esse “tom confessional das narradoras” certo tom demasiadamente didático e explicativo, o que acaba por operar em sentido contrário à tentativa de envolvimento do leitor.

Em relação a um contexto recente, no qual pululam obras de caráter autobiográfico, em que se fala de cansaço da ficção, e em que as obras se desenvolvem majoritariamente em um ambiente urbano, é certo que *Torto Arado* apresenta algumas diferenças, mas parece que há mais um esforço por parte da crítica em identificar *Torto Arado* com o novo do que propriamente nos indicam as características do romance.

Se a construção das narradoras se mostra inconsistente ao ponto de, em determinados momentos, revelar inclusive uma visão estereotipada dessas acerca de si e de seu povo, não se deve, a despeito disso, considerar a opção pelas narradoras necessariamente como um aspecto positivo. Parte significativa do que indicamos como aspectos problemáticos do romance tem conexão justamente com o que nele tem sido lido como novo por parte considerável da crítica. Isso não se deve por qualquer tipo de rejeição ao novo, mas ao questionamento acerca da qualidade desses próprios elementos para pensar uma representação literária realista e da necessária associação entre novo e bom.

# Criação & Crítica

## Referências

ALVES FOGAL, A. *O realismo segundo a contemporaneidade no Brasil: a literatura e a crítica*. In: CORDEIRO, R.; ALVES, L.; SIFERT, A. (orgs.) *Dimensões do realismo: literatura brasileira*. Vol. II. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

CARREIRA, S. *Inscrições do real em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior*. e-escrita, Nilópolis, v.12, n. 1, 2021. p.184-198. Disponível em:

<<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/4241#:~:text=INSCRI%C3%87%C3%95ES%20DO%20REAL%20EM%20TORTO%20ARADO%2C%20DE%20ITAMAR%20VIEIRA%20JUNIOR,->

Shirley%20de%20Souza&text=O%20artigo%20objetiva%20a%20an%C3%A1lise,o%20local%20e%20o%20universal>. Acesso em: 16 nov. 2022.

DE PAULA, M.; NAVARRO, E. *Cobrir e mostrar a cara: a recuperação do romance histórico no século XXI em Torto Arado de Itamar Vieira Júnior e Formas de voltar para casa de Alejandro Zambra*. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 36, 2020, p. 5-20. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1679849X63294>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

VIEIRA JUNIOR, I. Vini Jr. ensina que devemos erguer a cabeça e ir até o fim contra racismo. *Folha de São Paulo*.

Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2023/05/vini-jr-ensina-que-devemos-erguer-a-cabeca-e-ir-ate-o-fim-contra-racismo.shtml>>. Acesso em: 31 maio 2023.

THOMAZ, D. *Qual a razão do sucesso do romance Torto Arado?* Guia do Estudante. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/dica-cultural/por-que-gostamos-do-romance-torto-arado>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

LUKÁCS, G. *Trata-se do realismo!*. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão (org.) *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o expressionismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

# Criação & Crítica

LUKÁCS, G. *Arte e verdade objetiva*. Trad. Bruno Bianchi. Disponível em <<https://medium.com/katharsis/arte-verdade-objetiva-7010fc7c81ce>>. Acesso em: 20 set. 2022.

LUKÁCS, G. *Narrar ou descrever*. in: LUKÁCS, Gyorgy. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.58-59

AGUALUSA, J. *Carta a um escritor que aprecio*. O Globo.

Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/noticia/2023/06/carta-a-um-escriptor-que-aprecio.ghtml>>. Acesso em: 03 jun. 2022.

CERQUEIRA, R. *Entre a tradição e a ruptura*. Revista Piauí.

Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/entre-tradicao-e-ruptura>>.

Acesso em: 02 mai. 2022.

PIRES, P. *Os ardis da unanimidade*. Quatro Cinco Um.

Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/colunas/critica-cultural/os-ardis-da-unanimidade>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

DINIZ, L. *Espírito do tempo*. Quatro Cinco Um.

Disponível em:

<<https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura-brasileira/espírito-do-tempo>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

MARQUES, L. *Geografia lírica do sertão baiano*. Quatro Cinco Um.

Disponível em:

<[https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/literatura/geografia-lirica-do-sertao-baiano?\\_ga=2.249637126.1885741000.1652468454-1122214.1652219636](https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/resenhas/literatura/geografia-lirica-do-sertao-baiano?_ga=2.249637126.1885741000.1652468454-1122214.1652219636)>.

Acesso em: 02 mai. 2022.

VIEIRA, E. *O fenômeno Torto Arado*. Revista Bula.

Disponível em: <<https://www.revistabula.com/42530-o-fenomeno-torto-arado/>>

Acesso em: 08 mai. 2022.

SALES, K. *Torto Arado: Ancestralidade negra costurada ao tempo e à terra*. *Missangas: Estudos em literatura e linguística*, Teixeira de Fretas, Vol. 1, n. 1, 2020, p. 186-189.

# Criação & Crítica

Disponível em: < <https://revistas.uneb.br/index.php/missangas/article/view/12354>>. Acesso em: 04 mai. 2022.

SCALIA, L. *Torto arado é literatura engajada*. Fórum Lit. Bras. Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 13, nº 25, jun. 2021, p. 243-251. Disponível em: <<https://doi.org/10.35520/flbc.2021.v13n25a41647>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

SCHØLHAMMER, K. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHØLHAMMER, K. *Realismo afetivo: evocar o realismo para além da representação*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 39, 2012, p. 129-148. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9793>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, Qual Romance?*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1984. THE INTERCEPT BRASIL. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/02/23/reflexao-minha-avo-torto-arado-lingua-apunhalada-itamar-vieira-junior>>. Acesso em: 01 mai. 2022.

CASARIN, R. *Mas 'Torto Arado' é tudo isso mesmo?* UOL. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2021/02/17/mas-torto-arado-e-tudo-isso-mesmo.htm>>. Acesso: em 08 mai. 2022.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. *Trabalhar é tá na luta: Vida, morada e movimento entre o povo da luna, Chapada Diamantina*. 2017. P. 293 Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

Recebido em: 04/06/2023

Aceito em: 16/09/2023